

HISTÓRIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE DO LIVRO “NARRATIVA DE UMA CIDADE ENCANTADA OU ALEGORIA DE UMA HISTÓRIA TRÁGICA: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA & LITERATURA EM ÓRFÃOS DO EL Dorado, DE MILTON HATouM”, DO HISTORIADOR ARCÂNGELO DA SILVA FERREIRA



DANIEL RODRIGUES DE LIMA¹

FERREIRA, Arcângelo da Silva. **Narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica: diálogos entre história & literatura em Órfãos do Eldorado**, de Milton Hatoum. Curitiba: CRV, 2022.

Arcângelo da Silva Ferreira, em seu livro *Narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica: diálogos entre história & literatura em Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, apresenta uma abordagem interdisciplinar única ao examinar como a obra literária de Hatoum, especialmente *Órfãos do Eldorado*, serve como plataforma de contestação das narrativas oficiais e mitos fundadores da Amazônia. Utilizando o pensamento crítico de Walter Benjamin (Ferreira, 2022, p. 143), Ferreira propõe que Hatoum atue como uma “testemunha” da história não contada, desconstruindo as versões triunfalistas e unidimensionais sobre uma região. O autor sugere que a obra literária de Hatoum não apenas recria o imaginário amazônico, mas também traz à tona a realidade de seus sujeitos subalternizados, permitindo um entendimento mais plural e crítico do passado amazônico.

Ferreira argumenta que Hatoum questiona a história oficial da Amazônia, marcada por narrativas coloniais que frequentemente romantizam o passado e simplificam a complexidade social e cultural da região. O mito do Eldorado, que desenvolveu expedições de conquista e exploração desde o período colonial, é retratado na obra de Hatoum como um símbolo de promessas quebradas e decepções. Ferreira aprofunda a ideia de que Hatoum desafia a visão do Eldorado como “terra de riquezas inexploradas”

¹ Mestre em História Social da Amazônia (PPGH-UFAM). Professor de História – SEMED – Parintins/AM.



e, ao invés disso, a utiliza como metáfora para a exploração, destruição ambiental e marginalização de populações indígenas e ribeirinhas.

Através da lente de Walter Benjamin, Ferreira enxerga nos *Órfãos do Eldorado* uma “história à contrapelo” (Ferreira, 2022, p. 162) – isto é, uma narrativa que resgata as vozes e experiências daquelas que foram sistematicamente silenciadas pela historiografia oficial e pela visão eurocêntrica de progresso. Ao fazer isso, Hatoum revela as “ruínas” que o mito do Eldorado deixou para trás: uma Amazônia fragmentada, onde a promessa de riqueza e desenvolvimento foi desfeita pelas contradições sociais e pelo abandono dos que habitam e protegem essa terra. A representação dessas ruínas e escombros na obra, segundo Ferreira, é uma forma de “resgate da memória” que se recusa a esquecer os impactos das políticas de exploração na Amazônia (Ferreira, 2022, p. 142-143).

Ferreira traz a teoria benjaminiana das ruínas para destacar como Hatoum utiliza a figura do Eldorado de modo alegórico, criando uma história da Amazônia que rompe com a narrativa linear e triunfalista. Em Benjamin, a alegoria é um recurso filosófico e estético que permite romper com a temporalidade interessante e linear, criando uma representação que simultaneamente registra e subverte as imagens de prosperidade e poder associados ao passado. Ferreira sugere que Hatoum faz um uso da alegoria para desconstruir essas representações monumentais, revelando como as promessas do Eldorado se tornaram os escombros de um sonho colonial que se desfez.

Esse recurso permite que Hatoum transforme o Eldorado em uma alegoria que simboliza as tragédias e o esquecimento impostos à Amazônia. Através dessa perspectiva, Ferreira ilustra como Hatoum oferece uma visão crítica da história, revelando as cicatrizes deixadas pelas narrativas de exploração e ressaltando as vozes dos personagens esquecidos que representam o povo amazônico. Essa abordagem se alinha com a ideia de Benjamin de uma “história de derrota” que privilegia os vencidos, em oposição à história tradicional dos vencedores, e que permite o resgate simbólico e crítico do passado.

Outro aspecto que Ferreira desenvolve é o compromisso de Hatoum em dar voz a sujeitos que foram sistematicamente marginalizados. Através de personagens que expressam a experiência do povo amazônico – indígenas, ribeirinhos e populações locais –, *Órfãos do Eldorado* apresenta uma narrativa que resgata as identidades culturais e sociais excluídas pelas representações hegemônicas. Para Ferreira, essa valorização dos sujeitos subalternos não só amplia a representação da realidade amazônica, mas também expõe as desigualdades e as dinâmicas de poder que ainda predominam na região (Ferreira, 2022, p. 154).



Ferreira observa que a escolha de Hatoum por esses personagens é uma postura política e ética, ao oferecer uma narrativa que não apenas testemunha as lutas e resistências desses sujeitos, mas também questiona as bases da história e da cultura amazônica, explorando temas de ancestralidade, identidade e luta pela sobrevivência. Esse comprometimento com a realidade social da Amazônia fortalece o papel da literatura como uma ferramenta de resistência, que se alinha à crítica de Benjamin sobre a necessidade de resgatar e reconstruir as histórias dos oprimidos.

No primeiro capítulo, Arcângelo da Silva Ferreira explora a trajetória de Milton Hatoum como um “intelectual de fronteira”, delineando a formação cultural e intelectual do autor ao longo de experiências de vida que transcendem fronteiras regionais e nacionais. Essa abordagem revela o modo como Hatoum absorve e transforma as influências de suas vivências em cidades de relevância histórica e cultural, como Manaus, São Paulo, Barcelona e Paris, utilizando essas interações como uma base para construir uma narrativa que dialoga tanto com o local quanto com o global (Ferreira, 2022, p. 36).

O conceito de “intelectual de fronteira” se refere à capacidade de Hatoum de transitar entre diversas culturas e ambientes intelectuais, que vão desde os cenários amazônicos de sua infância em Manaus até os centros cosmopolitas de São Paulo e Paris. Ferreira enfatiza que essa transição não é apenas geográfica, mas também cultural e filosófica, pois Hatoum assimila valores, ideais e contradições de cada local, que depois se manifestam em suas obras como complexidade e densidade narrativa. Em suas palavras, Hatoum se encontra entre diferentes mundos, uma posição que lhe permite lançar um olhar crítico e questionador sobre a própria Amazônia e o Brasil.

Essa condição de fronteira possibilita a Hatoum ver a Amazônia além de uma paisagem exótica ou uma “fronteira natural”, como tantas vezes representada, mas como uma região enraizada em questões de identidade, memória e conflito. O contato direto com o desenvolvimento cultural europeu e latino-americano permitiu a Hatoum um distanciamento crítico necessário para perceber os contrastes profundos entre a visão romântica da Amazônia e a realidade de seus habitantes, que frequentemente vivem sob o peso da exploração econômica e cultural. Essa perspectiva única concede ao autor uma sensibilidade particular para tratar temas regionais em um contexto universal, enriquecendo o imaginário amazônico com camadas de significação e crítica.

A formação intelectual de Hatoum foi marcada pelo contato com grandes pensadores brasileiros, como Edneia Mascarenhas, Benedito Nunes e Luiz Braga, cujas ideias sobre História, cultura e filosofia fortaleceram o olhar crítico de Hatoum sobre o



Brasil e a Amazônia. Ferreira observa que Mascarenhas, com sua análise profunda da história amazônica, sobretudo da cidade de Manaus, observando a “ilusão que o fausto” da economia gomífera produziu, ajudou Hatoum a compreender e valorizar a riqueza simbólica de sua região natal. Já Benedito Nunes, um dos maiores filósofos brasileiros, trouxe para Hatoum uma visão crítica sobre literatura e filosofia, explorando as interseções entre essas áreas e incentivando uma abordagem mais reflexiva e analítica em sua produção literária. No caso de Braga, sua contribuição a construção da obra de Hatoum se dá do fato de “contar a história da Amazônia lançando mão do insólito” (Ferreira, 2022, p. 59), em sua fotografia leve e com cenas simples e sem os estereótipos usuais.

Ferreira destaca que Hatoum, influenciado pelo cosmopolitismo adquirido em suas experiências em Barcelona e Paris, consegue situar as questões amazônicas em um contexto mais amplo, revelando as tensões entre o tradicional e o moderno. Essa habilidade de ver a Amazônia como parte de um diálogo global é um dos principais pontos da análise de Ferreira, que observa como Hatoum desmistifica a visão da floresta como uma entidade isolada e exótica. Em vez disso, a Amazônia é retratada como uma região profundamente conectada aos fluxos e impactos globais – econômicos, culturais e ambientais –, que moldam a vida de seus habitantes.

Esse olhar cosmopolita, formado em contato com centros culturais da Europa, concede a Hatoum uma perspectiva crítica sobre o impacto da modernidade na Amazônia. Por exemplo, ele frequentemente expõe como o progresso e o desenvolvimento, muitas vezes vistos de maneira idealizada, são também responsáveis pela degradação ambiental e cultural da região. Ferreira aponta que, ao situar o contexto amazônico em um cenário global, Hatoum ilumina as contradições da modernidade na Amazônia, evidenciando os conflitos entre o avanço econômico e a preservação de culturas locais, um tema que tem implicações não só para o Brasil, mas também para o mundo.

A narrativa de Hatoum, conforme analisa Ferreira, expressa uma dialética entre o regional e o internacional, permitindo que questões universais sejam examinadas a partir do prisma amazônico. Ferreira argumenta que Hatoum utiliza as especificidades de sua região natal para articular temas como identidade, alienação e pertencimento, que são amplamente relevantes. Este movimento entre o local e o global cria uma tensão produtiva, permitindo que a narrativa de Hatoum atue como uma alegoria para questões mais amplas, como a luta por reconhecimento, os efeitos do colonialismo e a complexidade das identidades pós-coloniais.



Ferreira sugere que, ao trabalhar com essa dialética, Hatoum constrói um espaço literário onde a Amazônia se torna não só um cenário, mas um personagem complexo, simbolizando tanto a resistência quanto a vulnerabilidade diante das forças globais. Essa abordagem possibilita que Hatoum articule uma visão crítica e realista da Amazônia, sem, no entanto, reduzir sua narrativa ao localismo ou à exotização. Ao contrário, Hatoum utiliza a Amazônia como um microcosmo das contradições da modernidade, revelando como o global e o local estão intrinsecamente conectados em suas obras.

A análise de Ferreira no primeiro capítulo de seu livro permite compreender como Hatoum transcende as limitações de uma visão regionalista, oferecendo uma narrativa que, embora ancorada na realidade amazônica, possui ressonância global. Ao explorar as influências que moldaram Hatoum como um “intelectual de fronteira”, Ferreira revela as camadas complexas e interconectadas da obra de Hatoum, mostrando que a Amazônia literária de Hatoum é, em essência, um espelho das contradições e das riquezas de um mundo marcado pelas trocas culturais, pela globalização e pelo avanço da modernidade.

No segundo capítulo, o autor aprofunda-se na análise do diálogo entre a obra de Hatoum e o pensamento filosófico de Walter Benjamin. Ferreira explora a noção de uma “história à contrapelo” para argumentar que, em *Órfãos do Eldorado*, Hatoum propõe uma narrativa crítica que desconstrói o mito do Eldorado, frequentemente associado à promessa de riqueza e opulência na Amazônia. Esse mito, amplamente enraizado na imaginação coletiva, é reinterpretado por Hatoum não como símbolo de prosperidade, mas como uma alegoria das ilusões e dos desastres históricos que marcaram a região. Ferreira observa que, ao fazer isso, o autor questiona o triunfalismo das narrativas históricas oficiais que comumente obscurecem as contradições e as desigualdades sociais vividas na Amazônia (Ferreira, 2022, p. 107).

A leitura benjaminiana da história, centrada na ideia de ruínas e escombros como metáforas da destruição e do esquecimento, oferece uma chave interpretativa essencial para a compreensão da obra de Hatoum. Benjamin vê as ruínas como vestígios que interrompem o curso triunfante da história e revelam as suas falhas e perdas, e Ferreira argumenta que Hatoum adota essa perspectiva ao situar o mito do Eldorado como uma alegoria que expõe as tragédias e os destroços da realidade amazônica. Na análise, Ferreira ressalta como Hatoum utiliza o Eldorado para questionar as ilusões de grandiosidade associadas à região, substituindo a imagem do esplendor por uma narrativa que evidencia os conflitos, destruições e silêncios que constituem a verdadeira história da



Amazônia, especialmente entre 1890 e 1945, período em que se ambienta a narrativa da novela (Ferreira, 2022, p. 148-149).

O livro sublinha ainda a importância do uso da alegoria em *Órfãos do Eldorado*, conforme teoriza Benjamin, que não a considera um mero recurso estilístico, mas uma forma de romper com a linearidade e a monumentalidade da história. Ferreira argumenta que Hatoum utiliza a alegoria como ferramenta de resistência, reconfigurando o mito do Eldorado para desvendar as ruínas e tragédias da Amazônia, um reflexo do compromisso ético do autor com a revisão de narrativas hegemônicas. Desse modo, a obra não só questiona a glorificação do passado amazônico enquanto Eldorado, mas também dá voz a personagens e grupos subalternos que, embora parte integral da história, foram relegados à margem pela historiografia oficial. Em sua análise, Ferreira ressalta que Hatoum, ao se recusar a idealizar a história da Amazônia, convida o leitor a considerar os impactos duradouros das políticas de exploração e dos silêncios impostos, oferecendo uma leitura comprometida com a verdade histórica e com a dignidade daquelas cujas experiências foram apagadas (Ferreira, 2022, p. 149).

No terceiro capítulo, explora as representações urbanas das cidades amazônicas na obra de Hatoum, com especial foco em Manaus, Parintins e Belém. Ferreira conduz uma análise que compara as imagens fotográficas oficiais dessas cidades, muitas vezes cuidadosamente construídas para refletir uma ideia de progresso e modernidade, com as descrições literárias de Hatoum, que revelam as contradições e ambiguidades do espaço urbano amazônico. Essa comparação entre a fotografia idealizada e a narrativa literária crítica de Hatoum permite que Ferreira revele como a literatura expõe as realidades invisíveis ou distorcidas nas representações oficiais (Ferreira, 2022, p. 180).

Manaus, por exemplo, é retratada em muitos registros fotográficos e documentais como um símbolo da era áurea da borracha, marcada pelo esplendor arquitetônico de edifícios como o Teatro Amazonas e pelo desenvolvimento urbano que buscava emular o estilo europeu. No entanto, a representação de Manaus na obra de Hatoum desmistifica essa narrativa de modernidade, caracterizando-a como uma “cidade das ilusões” (Ferreira, 2022, p. 180). Ferreira argumenta que, para Hatoum, o progresso e a modernidade funcionam como uma fachada, destinada a mascarar as profundas desigualdades sociais e a degradação ambiental que afligem a cidade. Manaus, portanto, é apresentada não como uma cidade de progresso pleno, mas como um espaço onde a opulência aparente se contrasta violentamente com a realidade das populações marginalizadas e dos espaços



degradados, revelando um abismo entre as promessas de modernidade e as condições de vida reais de muitos de seus habitantes (Ferreira, 2022, p. 196).

Parintins é representada por Hatoum de maneira contrastante, como uma “cidade anfíbia”. Ferreira observa que, em vez de um centro urbano consolidado, Parintins é descrita como um espaço liminar, situado entre o real e o mítico, entre a terra e as águas. Essa caracterização captura a complexidade de suas identidades culturais e sociais, transcendendo as representações oficiais que tendem a valorizar a cidade apenas como palco das festividades folclóricas do Festival de Parintins. Na análise, Ferreira argumenta que Hatoum utiliza essa descrição para enfatizar as múltiplas camadas culturais e históricas de Parintins, que vai além do imaginário turístico. A “cidade anfíbia” simboliza, assim, a interdependência entre a população e o meio ambiente, bem como a coexistência de tradições indígenas, caboclas e ribeirinhas, cuja complexidade cultural desafia os estereótipos simplificadores frequentemente apresentados nos registros oficiais (Ferreira, 2022, p. 206).

Belém, por sua vez, é retratada como um ponto de interseção entre a Amazônia e o resto do Brasil, entre o urbano e o fluvial, entre o colonial e o contemporâneo. Ferreira sugere que Hatoum vê Belém como uma cidade em constante negociação identitária, onde as influências culturais e históricas se entrelaçam com as realidades socioeconômicas contemporâneas. Diferentemente das imagens turísticas de Belém, que exaltam seu mercado Ver-o-Peso e suas construções históricas, Hatoum aponta para a fragmentação urbana, onde riqueza e pobreza coexistem de forma quase simbiótica, refletindo a multiplicidade de histórias e vozes que moldam a cidade. Ao destacar a “urbanidade amazônica”, Ferreira argumenta que Hatoum revela as desigualdades e os conflitos que constituem o cotidiano desses espaços, construindo um retrato autêntico das cidades amazônicas como territórios de luta, de memória e de resiliência (Ferreira, 2022, p. 256-257).

Ferreira ainda se vale do conceito de “espectador emancipado” para descrever Hatoum. Essa noção, originalmente desenvolvida pelo filósofo Jacques Rancière, refere-se a uma postura crítica em que o observador, ao invés de apenas consumir as narrativas e imagens dominantes, adota uma posição analítica e questionadora. Na leitura de Ferreira, Hatoum se torna esse “espectador emancipado”, pois, através de sua obra literária, questiona e desconstrói as construções visuais e narrativas que tentam definir a Amazônia e suas cidades de maneira unilateral. Através de sua representação da urbanidade amazônica, Hatoum reconfigura o olhar sobre Manaus, Parintins e Belém,



rejeitando as idealizações e desvendando as dinâmicas sociais, culturais e econômicas que fazem dessas cidades mais do que espaços exóticos e imutáveis. Ao fazê-lo, Hatoum desafia a noção de uma Amazônia cristalizada no tempo e oferece um olhar complexo, enraizado nas experiências e contradições vividas pela população (Ferreira, 2022, p. 180).

No geral, o livro de Arcângelo Ferreira oferece uma contribuição relevante para os estudos sobre Milton Hatoum e a literatura amazônica, ao articular de forma convincente os diálogos entre história, literatura e filosofia crítica. Ao focar na Amazônia como um espaço simbólico e real de disputas narrativas, a pesquisa enriquece o campo da história cultural e literária ao propor novas formas de contar e entender a história da região. Hatoum, em última instância, emerge como um autor que desafia mitos coloniais e oferece uma visão crítica, multifacetada e complexa da Amazônia, suas cidades e suas gentes.

Por fim, respondo ao autor, de fato você escreveu “uma prosa sem osso, sem espinha, leve”. Essa “prosa sem osso” revela, no entanto, uma técnica refinada que parece descomplicada, mas é habilmente construída para guiar o leitor sem esforço. A ausência de uma “espinha” ou “osso” pode ser interpretada como uma recusa em amarrar a narrativa a uma linearidade rígida ou a conceitos fechados. Essa escolha permite que a narrativa seja flexível e fluida, refletindo a natureza das memórias, sentimentos e ambiguidades que permeiam a obra.

Ao optar por essa leveza estilística, o autor possibilita uma leitura descomplicada que, ao mesmo tempo, convida a um mergulho mais profundo, onde a leveza da forma serve para amplificar o peso dos temas abordados. Trata-se de um estilo que, ao ser leve, atrai o leitor a explorar, com liberdade e sensibilidade, as camadas mais profundas de significados, onde surgem as questões de identidade, memória e história que a obra propõe.